

AMOR, SEXO E MORAL MÉDICO-CLERICAL NA ÉPOCA MODERNA

Henrique Carneiro

Mestre em História Social pelo Departamento de História – FFLCH-USP

RESUMO: A época moderna viveu um acirramento dos controles sobre a vida cotidiana. Em Portugal, o moralismo contra-reformista caracterizou-se pelas prédicas de castidade em contraste com diversas formas de revalorização do corpo que tinham sido conhecidas no período renascentista. Os argumentos médicos passaram a ocupar um papel privilegiado na definição das normas regulamentadoras da sexualidade. O pecado foi medicalizado, a paixão condenada como doença e a luxúria tornou-se a fonte primordial de todos os males. O amor e o erotismo foram o principal alvo do moralismo moderno, no qual a Igreja e a medicina se fundiram numa empreitada conjunta de controle social.

ABSTRACT: During the Modern Age, there was a greater control on daily life. In Portugal, counter-reformist moralism was characterized by chastity preachments in contrast to the several ways of appreciation of the body which had been known since the Renaissance. Medical arguments played an important role in defining sexuality standards. Sins were related to medicine, passion equated to disease and luxury became the prime source of all evils. Love and eroticism were the main target of modern moralism in which the church and medicine merged in a common quest for social control.

PALAVRAS-CHAVE: moralidades, medicina, contra-reforma, erotismo, castidade.

KEY-WORDS: moralities, medicine, counter-reformation, eroticism, chastity.

O Concílio de Trento, no século XVI, intensificou o controle da Igreja sobre a vida cotidiana. Logo após a descoberta da América e com o surgimento da Reforma protestante na Europa, a Igreja queria estreitar seus laços sobre a vida íntima das populações.

Entre outros mecanismos, a Igreja aumentou sua exigência de que as pessoas se casassem oficialmente, para acabar com o “concupinato” que eram as uniões não oficializadas por uma cerimônia religio-

sa, disseminadas na Europa e predominantes no Brasil e em outras regiões coloniais, onde as uniões consensuais, chamadas de “tratos ilícitos”, eram majoritárias sobre os casamentos oficializados até o século XIX.

A insistência na conjugalização acompanhou-se de outras características normativas, baseadas no aumento do autocontrole. A ocorrência na modernidade de um aumento da repressão é um fato que os

pesquisadores não questionam. Inquisição, moralismos puritanos e contra-reformistas e uma maior introjeção dos controles morais sobre os hábitos somaram-se para promover, a partir do século XVI, um acirramento da repressão cultural em geral e sexual em particular.

Segundo Mary Del Priore, na época moderna, a “sexualidade que devia ser conjugal e, por isso mesmo, insípida, breve e voltada à procriação”, era permitida apenas em raras ocasiões, sendo impróprios os dias de jejum e de festas religiosas e durante a quarentena após o parto, a gravidez, a amamentação e a menstruação¹. Feitas estas exceções, o débito conjugal era obrigatório, desde que a mulher não estivesse doente: “Não está obrigada a mulher a pagar o débito quando está com febre; está porém obrigada a pagá-lo quando se acha com dor de cabeça ou de dentes” (DEL PRIORE, 1993, p. 148).

A finalidade do ato sexual era exclusivamente procriativa, sendo proibido qualquer meio contraceptivo, inclusive o coito interrompido. A posição deveria ser sempre a tradicional, considerando-se pecaminosas a da mulher de quatro, denominada *retro* ou *more canino*, e a da mulher sobre o homem, *mulier supra virum*, cuja prática nos tempos remotos fora considerada por muitos teólogos como a causa do dilúvio. O teólogo Tomás Sanches, na virada do XVI e XVII, constitui-se numa exceção no mundo ibérico, pois defendia que o prazer sexual que visasse à procriação era útil e defensável.

Sobre o aumento da repressão, Flandrin afirma que:

Estamos melhor informados sobre a repressão: fechamento dos bordéis municipais desde o século XVI e marginalização das prostitutas; supressão – desde datas muito diversas segundo as regiões – das antigas liberdades de freqüentação, interdição rigorosa das coabitações pré-

nupciais e dos concubinatos, tudo sob penas de excomunhão, de multas e de prisões; fechamento dos adolescentes nobres e burgueses nos colégios onde seus costumes serão, pensavam, mais fáceis de se vigiar. Esta repressão, que pode ser considerada como um aspecto importante da reforma católica na França, começa entretanto antes do concílio de Trento, e prolonga-se até os séculos XIX e XX (FLANDRIN, 1981, p. 14).

Jacques Rossiaud, historiador francês que especializou-se no estudo da prostituição medieval demonstra que houve num período do século XV um auge na “alegria de viver” e um dos sintomas era o florescimento de uma prostituição mantida inclusive pelas municipalidades.

A partir do século XVI a situação muda e a perseguição às prostitutas soma-se à grande onda de “caças às bruxas” e aos marginais que o século XVI passa tristemente a conhecer:

Desde os anos 1490-1500, alguns fatores de equilíbrio desapareceram [...] As “ráparigas vagabundas”, antes toleradas, são doravante consideradas criminosas pelo fato de serem errantes, e até mesmo as prostitutas públicas, depois de 1500, aparecem com muito maior frequência como delinquentes (ROSSIAUD, 1986, p. 111).

O motivo para tal virada na história dos costumes é atribuída por Rossiaud a fatores econômicos: “os anos de 1440 marcam o ‘nadir demográfico’, um equilíbrio relativo entre os salários rurais e urbanos [...] Tais ganhos [...] explicam a intensa alegria de viver que, em todos os aspectos, se exprime a partir dos anos 1450” (ROSSIAUD, 1986, p. 107).

O início da época moderna conheceu uma contraposição polarizada entre o erotismo renascentista e a castidade contra-reformista. Diante da austeridade protestante, cujos contornos severos foram delineados pelos mecanismos introjetados de autocontrole (apesar de algumas seitas anabatistas ou *ranters* na Alemanha e na Inglaterra pregarem radicalismos isolados), o mundo latino, mediterrânico e católico vivia uma efervescência cultural mani-

1. “a cópula com mulher menstruada era interdita [...] deste conúbio nasce a prole leprosa”. Manuel de Arceniaga, *apud* Mary Del Priore, p. 153.

festada pelo conflito entre essas polaridades. A época barroca convive com formas de luxúria que, embora não tivessem profundidade filosófica como os libertinos materialistas alcançaram no século XVIII, eram incentivadas por um convívio pioneiro com as culturas de além-mar, que haviam apimentado a Europa de sabores, odores e sensualidades novas.

No momento em que se desencadeia a caça às bruxas, em que se exacerba a misoginia terrorista, que é registrada nos apotegmas e sermões eclesiásticos, há também a expansão de uma erótica que vai dos versos e da pintura obscena de Aretino à gastronomia lasciva dos afrodisíacos.

Sopas de testículos de ovelhas, omeletes de testículos de galo, cebolas cruas, pinhões, trufas são algumas das substâncias usadas na Europa na culinária afrodisíaca. Na França e na Itália renascentistas expande-se um uso suntuoso de âmbar, de almíscar e de perfumes animais, não só como odorizantes do corpo, mas comidos em diversos pratos. Especiarias estimulantes, reconfortantes, tonificantes e revigorantes ampliavam a gama erótica dos prazeres da carne.

Portugal é a porta de entrada dessas especiarias eróticas e os portugueses são os primeiros agentes da colonização, inclusive sexual, dessas terras lascivas das Índias². Mas é também em Portugal que a contra-reforma católica mais age no sentido de reprimir o erotismo.

A questão do amor foi tratada em Portugal de forma muito diferente da França ou da Itália. Todos os livros publicados em português são condenadores do amor. Há um aumento do tom das censuras morais após o Concílio de Trento, mas as teorias medicalizadoras da luxúria, como doença moral já estão presentes nos textos moralizantes do começo do XVI, como em João de Barros.

2. O tema da colonização portuguesa das terras ultramarinas ser baseada no contato sexual, numa miscigenação mais distinguida do que outros povos europeus, é a pedra de toque da tese de Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*

Na França, a diferença do ambiente cultural, medido pela natureza das publicações, pode ser notada na existência de obras exaltadoras da sexualidade, de uma *erótica* portanto, praticamente ausente em Portugal.

Carnes tristes... – lembra Mary Del Priore a respeito da atmosfera moral portuguesa – carnes pálidas e frias estas das quais se falava entre os séculos XVII e XVIII, bem distantes dos corpos exuberantes, descritos nos fablieux franceses da Idade Média, cujas necessidades tinham de ser supridas a não importasse que preço (DEL PRIORE, 1993, p. 137).

Ronsard, por exemplo, testemunhando o contraste entre a pudibunda corte lisboeta e a capital francesa, escrevia versos no século XVI elogiando a genitália feminina, os seios e o ardor amoroso.

Em Portugal, entretanto, a publicação de obras do gênero moralista obtém grande expressão literária. Esse veio moralizante foi inaugurado, entre outros, pelo navegador e viajante João de Barros, com o *Diálogos da Viciosa Vergonha*, publicado em 1515. Muitos o seguem nessa trilha da edificação moral. Os padres, entre os quais os jesuítas terão destacado lugar, serão os grandes arautos de uma recuperação do estilo apotegmático do estoicismo. E as coleções de citações dos moralistas antigos, entre os quais despontam Sêneca, Catão, Epicteto, Marco Aurélio, Plutarco, além dos filósofos gregos, se espalham, desde o século XVI, por todo o orbe português, chegando ao Brasil e à Índia.

Uma outra literatura, empírica, botânica e médica, destituída de pretensões moralizantes, também sairá à luz no século XVI, como Garcia da Orta, notável cronista judeu-português que testemunha a importância dessa nova experiência de desbravamento sensorial vivida pelos europeus nas Índias, mas logo será sufocada pela medicina moral, que encontrará no século XVIII um auge, quando os padres e os médicos se fundirem num estilo moral patologizante.

O padre Manuel Bernardes, nascido em 1644, em Lisboa, é um exemplo paradigmático desse gênero literário, refletindo a moral oficial da Igreja e do Estado em Portugal. Tendo vivido os últimos trinta anos de sua vida como recluso num convento, escreveu vários livros de “literatura moral”, que conheceram seguídas edições e inspiraram toda a escola abundante de escritores moralistas do século XVII e XVIII.

O Renascimento italiano, em notável contraste com o mundo português, tem um erotismo ético e estético. Leonardo da Vinci, Aretino, Marino são manifestações de uma outra relação com o corpo, constituída de valorização plástica e escultural e de exibição e ostentação em verdadeiras pompas carnis, nas quais os sentidos são adulados com o exótico, o bizarro e o afrodisíaco. O estímulo renovado dos sentidos foi uma das facetas mais exuberantes do Renascimento. Não apenas na expressão artística, mas numa sensualização dos costumes.

Portugal, que não teve Renascimento, não conhecendo a exaltação pictórica, poética, gastronômica e luxuriosa do corpo, foi, no entanto, a porta de entrada na Europa da cultura das Índias, cujos produtos de luxo sensorial alimentaram a sede de estímulo das cortes da França e das ricas cidades da Itália. Esse contato imediato dos portugueses com a languidez tropical do Oriente e da América não poderia deixar de trazer influências na cultura lusitana, onde, a despeito de toda severidade moralista, também penetram os mistérios gozosos do Oriente dos perfumes e da América da bucólica inocência indígena, plena de saberes sensuais.

Muitos foram, entretanto, os que, também na Itália, verberaram contra a dissipação dos costumes, a corrupção dos hábitos, a depravação dos vícios. Piero Camporesi recolhe muitos desses autores no seu livro *Les Baumes de l'Amour*, no qual expõe como a “ciência dos prazeres” do século XVIII recuperará a mulher como festejado agente e veículo de prazer, em meio a um universo de luxo sensorial exacerba-

do até os extremos através de afrodisíacos, cosméticos, perfumes, unguentos, sedas e cetins, refinamentos sensoriais destinados a uma cultura do luxo e da luxúria. “A mulher moderna nasce quando morre a feiticeira” (CAMPORESI, 1990, p. 122), quando o uso dos filtros de amor, das plantas excitantes, dos cremes para a pele deixa de ser o terrível crime das bruxas e torna-se luxo dos palácios e mercadorias do Oriente e da América.

Torricelli, o inventor do barômetro, denunciava na Academia de Florença outras tempestades além das atmosféricas: aquelas que atormentam o espírito. Seu alvo eram os perfumes luxuriosos:

Os gostos luxuosos dos paladares eruditos não amam mais as coisas da natureza, mas os monstros. Assim, não se aprecia mais nos alimentos os sabores inatos, mas os querem mudados e confusos. Não nos regalamos mais com a carne dos animais mais delicados se elas não são alteradas pelos sucos desagradáveis das frutas mais ásperas e mais nojentas. E esses Orientais das ilhas Molucas que infectam abundantemente de aromas inflamados todos os pratos da Europa desencantada, serão eles um prejuízo menor? Uma nova indústria, ou melhor, uma nova estupidez, confundindo a ordem dos sentimentos, administra ao gosto os tributos do odor e, unindo os pratos aos perfumes, transmuta em alimento os mais preciosos de todos os odores (*apud* CAMPORESI, 1990, p. 98).

A corrupção dos costumes foi o tema chave, a viga mestra do discurso moralizante na época moderna. Diante das novidades da época, novas culturas, novas plantas, nova atitude diante do corpo, diante da Igreja, rupturas profundas na ordem cultural que anteviam as convulsões disciplinadoras terríveis e genocidas que se avizinhavam: guerras de religião, matança de mulheres nas fogueiras, campanhas de delação, perseguição e extermínio inquisitorial, massacres de índios; a visão nostálgica de um mundo ordenado emerge em todos esses textos que são um dos principais filões editoriais do século XVI ao XVIII. Em todos eles, o bramido das condenações, o troar das invectivas para a catarse do espírito por

meio da denúncia da carne e de seu império crescente num tempo de dissoluções.

O gênero moralista e sua denúncia da corrupção dos costumes utilizou-se, a partir do século XVII, de um novo arsenal argumentativo baseado na munição médica.

O amor como doença, a patologização de Eros, idéia presente desde a Antiguidade e propagada insistentemente pelo Cristianismo e pela medicina moralista do período moderno, é quase uma tautologia etimológica, pois paixão deriva do termo grego *pathos*. A paixão crônica, a perturbação amorosa do desejo carnal é sofrida por um sujeito passivo. A paixão como patologia é a paixão como mal. O racionalismo ocidental desde o seu nascedouro opôs à força voluntária do entendimento o clamor instintivo e incontrolável de Eros. A busca da ausência de afetos, a apatia, era um dos objetivos dos estoicos. A apatia permitia a ataraxia (ausência de perturbações), a atambia (ausência de medo) e a adiaforia (ausência total de sensibilidade aos estados afetivos despertados pela dor ou pelo prazer).

No diálogo *Fedro*, de Platão, Sócrates defende o amor contra Lísias. Este último acusa-o de ser uma doença que nos priva da senhoria de nós mesmos. Na Grécia clássica já coexistem as duas faces desse monstro bifronte que assola a humanidade com os maiores dos prazeres e com os maiores sofrimentos sentimentais. O amor é exaltado, mas também considerado um grande mal e um grande perigo. Platão reconhece-o como uma “loucura”, do tipo que traz as maiores alegrias. Há quatro loucuras assim, inspiradas: a dos profetas, a dos poetas, a dos iniciados em Dionísio e a dos amantes. “É a última que nós declaramos ser a melhor”, diz Sócrates.

Esta loucura bem-aventurada tem seu fundamento na relação intrínseca que possui com o valor da beleza. O amor, para Platão, é o amor pelo belo. Um pensamento semelhante poderemos encontrar formulado de outra maneira em Freud, quase vinte e cinco

séculos depois: “Não tenho dúvida de que o conceito de ‘belo’ tem suas raízes na excitação sexual e que seu significado original era ‘sexualmente estimulante’” (FREUD, 1973, p. 48). Mas o belo platônico longe de ser uma concretização corpórea singular é a idéia abstrata apreensível unicamente pela alma.

Quando a compulsão pelo belo, esse apetite primordial da vida, se manifesta cruamente como voz da carne desnuda-se o seu lado perigoso como caminho por excelência do excesso. Galeno estranhava que os deuses mantivessem a espécie por um prazer tão aguçado e tão anti-social: “há um imenso prazer pareado com o exercício dos órgãos geradores, e um desejo devastador antecede o seu uso” (GALENO, *De usus partium* 14.9, apud BROWN, 1990, p. 25).

O sêmen era considerado o “espírito vital”, sangue fervido até a efervescência espumante. *Aphrós* – “espuma” – era de onde originava-se o nome de Afrodite. Hipócrates considerava o ato sexual uma forma de epilepsia. Os manuais médicos alertavam para o risco do desperdício do “espírito vital”. Os estoicos admitiam o sexo apenas para procriação. Essas opiniões atravessaram mais de vinte séculos para continuarem presentes no mundo moderno, conforme expressa um médico brasileiro do século XIX: “O esperma é, sem contradição, a secreção mais importante e a mais preciosa da economia; é o extrato mais puro do sangue, e, segundo a expressão de Fernel, *totus homo semen est*” (MELLO MORAES, 1872, p. 363).

Médicos da Roma imperial, monges do Egito ou da Síria antiga, poetas de diversas épocas e cientistas sociais do nosso século são unânimes em qualificar o sexo como o mais forte clamor da vida. Durante muitos séculos, entretanto, esteve vigente como doutrina oficial a condenação do amor sexual. O Cristianismo agiu pior do que Lísias, que detratava o amor para propor um sexo sem envolvimento amoroso, pois detratou não só o amor como o próprio sexo no que ele tem de prazeroso, reconhecendo seu exclusi-

vo aspecto de função reprodutiva, na qual o prazer não era uma recompensa, mas um ônus moral e um sintoma do pecado.

O Cristianismo retomou a idéia difamadora do amor como pecado, de Eros como doença. A culpabilização do amor sexual acompanhou-se da institucionalização do matrimônio indissolúvel. Desde a sua origem que o matrimônio cristão, longe de ser um meio para a efusão do erotismo, sempre foi um recurso para a domesticação da paixão e sua anulação. “É melhor casar do que abrasar”, dissera São Paulo. Mas São Jerônimo fez questão de acrescentar que quem ama sua mulher como a uma amante é ainda pior pecador. Dois mandamentos da lei de Deus referem-se diretamente à interdição do amor sexual: o sexto (“Não fornicarás”) e o nono (“Não desejarás a mulher do próximo”).

A ascensão da Igreja católica como potência milenar sobre os escombros da civilização clássica traz ao domínio do mundo uma casta de homens e mulheres que proclamam na sua castidade a marca de sua diferença. Tal instituição, surgida dos que anunciavam o fim dos tempos e a superfluidade da ambição propagadora das gerações, cresce como primeiro poder no mundo a não suceder-se por meio de linhagens dinásticas. O celibato sacerdotal serve para a centralização do poder e da riqueza no anonimato sem hereditariedade do clero. Os exércitos de virgens e as legiões de viúvas castas, muitas da aristocracia romana, retiram as mulheres e as riquezas da circulação, entesourando sob controle eclesiástico os máximos símbolos da diferenciação social dos cristãos, os hímens intocados e as fortunas não dissipadas no mundo. Monges, clérigos e virgens consagradas fazem de sua atrofia sexual a marca de um novo poder temporal, cuja expressão de máximo controle sobre as almas está na disciplina resoluta dos ascetas, na devoção exemplar dos jejuns e das privações. Em semelhante cultura o Amor é tornado o principal inimigo.

A detração do amor na época moderna será realizada por uma antiga ciência que, com o fortalecimento do Estado moderno, ganha uma importância e um poder inquestionável e ubíquo. A medicina será a fornecedora do rol dos argumentos fisiológico-morais que passarão a condenar o amor não mais apenas como um pecado, mas como uma doença.

O discurso médico moral da época moderna medicaliza o pecado considerado como causador de males para a saúde. A luxúria, que é o principal pecado, passa a ser fortemente medicalizada³, sendo tratada como enfermidade moral. Como escreve Mary Del Priore, “a luxúria travestiu-se nos tempos modernos em doença [...] ao final do século XVIII, a idéia do amor como enfermidade se consolidara e a Igreja oferecia-se como ‘médico da alma’, cabendo-lhe, portanto, o diagnóstico, o controle e a erradicação desse tipo de achaque” (DEL PRIORE, 1993, pp. 180-181).

No século XVII, o francês Jean Ferrand descrevia, em um livro dedicado especialmente ao assunto, o amor como uma doença melancólica e apresentava recomendações terapêuticas para a sua cura. Sua causa era atribuída por muitos a um “veneno engendrado no corpo” ou a “filtros”:

Nossos médicos modernos chamam de febre amorosa os batimentos do coração, inchamento do rosto, apetites depravados, tristeza, suspiros, lágrimas sem motivo, fome insaciável, sede raivosa, síncope, opressões, sufocações, vigílias contínuas, cefalgias, melancolias, epilepsias, raivas, furores uterinos, satiriasas e outros perniciosos sintomas, que não recebem mitigação nem cura na maior parte das vezes a não ser pelos remédios do amor [...]. Estes acidentes fizeram que muitos acreditassem que o Amor seja um veneno que se engendra em nosso corpo ou escorre pela veia, ou seja, causado por medicamentos que eles chamam de filtros (FERRAND, 1623, pp. 9-10).

3. Sobre a importância primordial da luxúria na moral médica e clerical do período colonial e a constituição da “nosologia da alma” ver DEL PRIORE, 1993, p. 177.

Esse mal ataca inicialmente pelos olhos, flui pelas veias como um veneno, dirige-se ao fígado, que inflama, de forma a transmitir um calor aos rins e ao lombo, que tornam-se sedes importantes dos sintomas eróticos, chegando finalmente ao cérebro, que é escravizado:

O Amor tendo abusado dos olhos, como verdadeiros espíões e porteiros da alma, deixa-se deslizar docemente por um par de canais e caminha insensivelmente pelas veias até o fígado, imprime subitamente um desejo ardente da coisa que é realmente, ou parece amável, acende a concupiscência e por este desejo começa toda a sedição [...]. Vai diretamente ganhar a cidadela do coração, o qual estando uma vez assegurado como o mais forte lugar, ataca depois tão vivamente a razão e todas as potências nobres do cérebro, que ela se sujeita e torna-se totalmente escrava (FERRAND, 1623, p. 54).

O moralista português quinhentista João de Barros já utilizava os mesmos conceitos medicalizados para referir-se aos maiores inconvenientes da luxúria que, conforme o *Espelho de Casados*, traz diversos males:

O primeiro é que dispõe o corpo a muitas enfermidades e abrevia a vida do homem e por ela se evacua o nutrimento dos membros e a virtude do homem enfraquece-se e se seca, segundo diz Galeno e os médicos, dela procede ciática, podagra, dorés de cabeça, muito empece ao estômago e ao miolo e aos olhos e já alguns no mesmo ato morreram e os castos vivem muito. *Sêneca diz que não há coisa mais mortal ao engenho, cega o homem e o faz néscio, segundo São Tomás dana a fama e honra do homem e escandaliza o próximo* (BARROS, 1540).

Ferrand refere-se às causas exteriores como o ar, os alimentos; e às interiores, como os exercícios ou o repouso, a vigília ou o sono, a excreção ou a retenção, as paixões do espírito. Entre as causas interiores, indica que “dormir de costas de acordo com todos os médicos provoca a luxúria” (FERRAND, 1623, p. 47). Tal preceito continuará a ser repetido dois séculos mais tarde por um médico brasileiro, o dr.

Mello Moraes, que afirmava: “Dormir de lado, nunca de costas, porque a concentração do calor na região lombar desenvolve excitabilidade nos órgãos sexuais” (MELO MORAES, 1872, p. 378).

Os remédios podem ser dietéticos, cirúrgicos e farmacêuticos. Ao “regime de viver” somam-se as sangrias e remédios “frios e úmidos”, como “águas de alface”, “grãos de cânfora” e “cicutu”. Recomendava-se também untar rins, pênis e períneo com um unguento refrigerador, feito de “*ervas muito frias, bezoar, água escorcioneira ou de alface*”. Pedras preciosas como o rubi, a esmeralda e o jaspe também “preservam da melancolia erótica”, se portadas no dedo médio esquerdo (FERRAND, 1623, p. 204), da mesma forma que a “pedra bezoar”, substância considerada o maior antídoto na época.

Tais crenças sobre a relação entre a dietética e a atividade erótica atravessa os séculos e consolida-se no pensamento médico moderno. No século XIX, encontraremos no Brasil médicos repetindo tais recomendações de como domar a luxúria através de medidas contra o seu vício análogo, a gula:

O regime alimentar é de grande importância para combater as inclinações eróticas [...]. Evite-se para ambos os sexos os manjares muito adubados, demasiado succulentos [...]. Sabe-se qual a influência estimulante que sobre os órgãos genitais produz uma alimentação succulenta, aromaticamente temperada e regada de vinhos generosos. A maior parte dos libertinos são grandes comedores ou gastrônomos famosos (MELLO MORAES, 1872, pp. 346-350).

Os remédios “cirúrgicos” contra a doença do amor são, antes de tudo, as indefectíveis sangrias, principal método terapêutico da medicina da época moderna. Em 1623, por exemplo, o confessor e médico de Felipe III, Aleixo de Abreu, no *Tratado de las siete enfermedades*, relatará como ele próprio foi acometido de uma “satiríase”, que é “a contínua ereção viril com desejo e apetite para o coito. A satiríase é um afeto com intenção pudenda”. Como terapia,

Aleixo promoverá contra a doença do desejo as mesmas sangrias que recomenda nas outras doenças, pois seria o “grave calor do sangue” que causaria “o incêndio do lombo”:

Me mandei sangrar no braço direito, na veia da Arca, e se fez uma sangria copiosa, mas com mais moderação que as passadas, por entender que o grave calor do sangue, com alguma acrimônia, era a causa do incêndio dos lombos, esquentando as artérias demasiadamente, abrindo as bocas mais do que convinha, enviavam grande cópia de espíritos ao membro, que com sua inchação, que havia crescido, dava certos e evidentes sinais da presença de tal enfermidade (ABREU, Aleixo de, 1623, p. 63).

O amor carnal é uma doença. Tal consideração encontra-se insistentemente presente tanto nos tratados médicos como nos textos moralistas dos séculos XVI ao XIX. Ambos detalham a mesma sintomatologia e as mesmas conseqüências.

O culpado é sempre o demônio, não só nos incêndios libidinais como também pelo resfriamento dos que vivem sob o jugo matrimonial: “muitos teólogos e médicos acreditam [...] que o diabo, autor de toda maldade, pode esfriar os Amores lícitos e esquentar os ilícitos” (FERRAND, 1623, p. 218).

A *Colleçam moral de apophtegmas memoráveis*, de Pedro José Suppico Moraes, de 1732, cita São Gregório, que assim define o amor: “O amor embota os sentidos, confunde o entendimento, tira a memória, priva do sentido, escurece a vista, faz o homem pálido e torpe, traz a velhice e expressa a morte” (MORAES, 1732, p. 82).

O padre Manuel Bernardes busca apoio nos antigos para afirmar que coisa seria o amor profano. Para Teofrasto, seria “uma enfermidade da alma ociosa”, opinião corroborada por Diógenes, para quem “amor é negócio dos que estão em ócio” (BERNARDES, 1699, p. 337).

Os tratos ilícitos, torpezas, escândalos, desonestidades, velhacarias, maganagens, atos torpes e lascivos dos divertimentos ilícitos nas casas de alcouce

ou saraus e galhofas em lugares de perdição são o principal objeto da fiscalização clerical sobre os costumes.

Frei Luís de Granada, teólogo e confessor dominicano espanhol, refugiado em Portugal por ter sido perseguido como “místico” pela Inquisição espanhola, autor clássico de obras diversas vezes publicada e traduzidas, assim pontificava contra o sexo, em obra originalmente publicada em 1553:

A luxúria é um apetite desordenado de sujos e desonestos deleites. É este um dos vícios mais gerais e furiosos de acometer, de quantos há. Porque (como diz São Bernardo) entre todas as batalhas dos cristãos, as mais duras são as da castidade, aonde sendo cotidiana a luta, é mui rara a vitória [...] quantas multidões de outros males traz consigo esta suave e atrativa pestilência. Porque primeiramente rouba a fama (que entre as coisas humanas é a mais formosa possessão que poder ter); porque nenhum rumor de vício cheira mais mal, nem traz consigo maior infamia [...] debilita as forças, amortece a formosura, tira a boa disposição, estraga a saúde, causa enfermidades sem número, e estas muito asquerosas e imundas, arruína antes do tempo a frescura e flor da mocidade e faz vir mais cedo uma feia e torpe velhice (GRANADA, 1873, pp. 31-33).

O padre Angelo Sequeira, em 1754, referia-se ao amor, com trechos inteiros plagiados diretamente do *Guia de Pecadores*, de Frei Luís de Granada, apenas com ligeiras alterações:

A Luxúria consiste em um desejo de sujos e desonestos deleites. Quando este vício abominável tentar o coração do pecador, defende-se dele com estas considerações. Primeiramente considera, que este vício não só suja a alma, que o Filho de Deus limpou com o seu sangue, mas também suja o corpo, no qual, como em um sacrário, se deposita o corpo de Jesus Cristo; e se é grande culpa o profanar o templo material de Deus, que culpa será o profanar o sacrário, em que Deus mora? Considera também, que este pecado comumente não se põem por obra sem escândalo de outras pessoas; e isto é uma coisa que há de ferir agudamente a consciência na hora da morte, porque se a lei de Deus manda que quem tirou uma vida, o pague com

a vida; quem fez uma morte, o pague com a morte; quem causou tantas mortes de almas, como há de pagar isto? Considera também os males, que a peste deste vício traz consigo. Primeiramente rouba a fama, e nenhum rumor é mais infame que este rumor, debilita as forças, enfeia a formosura, tira a boa disposição, deita a perder a saúde, pare inumeráveis achaques, chama pela velhice, tira as forças do engenho, embota o juízo, aparta os homens dos exercícios honestos e o faz espojar no lodo, para que viva e morra sujo (SEQUEIRA, 1754, p. 325).

O médico holandês Willen Pies, que viveu em Pernambuco junto com Maurício de Nassau, tendo o nome aportuguesado para Guilherme Piso, escrevia palavras semelhantes, mas relativas apenas ao “abuso”, em 1648:

Os que abusam de Vênus extinguem o ardor juvenil e se preparam uma velhice precoce, estorvam a transpiração e a circulação do sangue; donde o difundirem-se facilmente cruzeiras no âmbito do corpo, causas de catarros no cérebro e palpitações no coração. Pois, o coito, aqui como em toda parte, é naturalmente conducente a extinguir o incêndio de Vênus; mas provocado pela turgidez natural e não por uma libido vaga e intempestiva; e isso melhor à noite que de dia. Mas contanto que, neste caso, não se coma logo depois; nem àquele se siga imediatamente o trabalho com a vigília (PISO, 1648, p. 11).

Bernardo Pereira, em 1734, em seu tratado “médico-teológico” afirma que:

só estas cogitações e pensamentos cristãos são os verdadeiros antídotos de que nos devemos valer contra o feitiço voluptuoso da Lascívia para que não chegue a prender-nos e maleficiar-nos como inimigo tão capital [...] aquele fogo ou aquela febre ardentíssima, que introduz na alma infernais incêndios, somente se apaga e se modera com o uso da oração e penitência, com a lembrança e consideração do inferno [...] Se acaso há tardança nessa aplicação, degenera em terribilíssimos sintomas, a maior parte imedicáveis, pois passa a delírio, que descompõe a honestidade dos costumes, e a contágio, que infecciona a pureza dos afetos (PEREIRA, BERNARDO, 1734, pp. 242-243).

Brás Luís de Abreu, médico publicado em Coimbra, em 1726, assim define a lascívia: “É a lascívia

um veemente apetite contrário ao reto discurso, excitado pelo gosto e sugerido pela desordem. Santo Tomás: *Libido est appetitus vehemens contra rationens excitatus*” (ABREU, BRÁS, 1726, p. 736).

Esse apetite contagioso e doentio é o mais perigoso pecado, o vício da luxúria, que São Gregório afirma ser “o que mais guerra faz aos descendentes de Adão, desde que lhes aponta a barba até a sepultura” (MARQUES PEREIRA, NUNO, 1728, p. 29). E qual o pior dos pecados? Manuel Bernardes escreve que o “homicídio é o pecado mais grave em seu gênero que os da luxúria; mas os da luxúria são mais torpes e afrontosos” (BERNARDES, 1686, p. 64).

E comentando o caso de uma freira que começou a se orgulhar tanto de ser tão casta que passou a cometer o pecado da soberba, Bernardes diz que o cristão deve buscar a perfeição, mas nunca crer soberbamente que a conquistou, pois “menos aborrece Deus a um pecador humilde do que a um casto soberbo” (BERNARDES, 1686, p. 69).

Diante do sucedido à freira que terminou por se apaixonar e deixar o convento, ele diz que

Deus Nosso Senhor castigou os orgulhos da soberba com quedas da luxúria. Assim castigou o primeiro pecado da soberba no homem. Apeteceram nossos primeiros pais a excelência própria e indevida de ser como deuses e logo sentiram a rebelião da sua carne como brutos. Por isso trataram de cobrir-se, tendo por mais vergonhosa a pena do que a culpa [...] a culpa da soberba segue-se a pena da luxúria [...] A proporção desta pena com esta culpa consiste em que pela soberba o homem se rebela contra Deus e não reconhece superior naquele tanto em que se ensoberbece. E pela luxúria a carne se rebela contra o espírito e não obedece ao domínio da razão (BERNARDES, 1686, pp. 66-67).

Ao orgulho do homem, sua soberba em querer saber, comendo do fruto proibido da ciência, pecado original do gênero humano, seguiu-se a pena da luxúria e da embriaguez. Tal relação expõem o nexó que une esses dois pecados capitais – luxúria e soberba – que se destacam dentre todos os demais por sua gravidade superior.

Como descrevem as palavras do poeta John Milton, em *Paraíso Perdido*, no século XVII:

Eis que o falsário fruto lhes imprime
Antes disso um efeito desenvolto
E o carnal apetite lhes inflama.
Sobre Eva lança Adão sófregos olhos,
Ela com outros tais lhe corresponde;
No fogo da lascívia ambos se abrasam,
Té que por esta frase Adão começa
De amor para o deleite a requestá-la [...]

Perdemos de prazeres larga cópia
Enquanto deste fruto não comemos;
Nem tínhamos, como hoje, idéia exata
Do prazer, posto ser por nós sentido.
Se tal gosto há nas proibidas coisas,
Deveríamos querer que a dez subissem,
Em lugar de uma as árvores vedadas.[...]

Descomedidamente ali se fartam:
De seu mútuo delito este é o selo,
Esta a consolação do seu pecado,
(MILTON, 1949, pp. 277-278)

Esta marca do delito original, o pecado da concupiscência, o gosto da fornicção, proibido pelo sexto mandamento, é o signo da soberba da ciência. Querer conhecer e querer gozar. Quem desobedece a Deus não mais poderá obrigar a que sua carne obedeça ao seu espírito.

A revolta da carne contra a regra do espírito era vista como análoga à revolta do homem contra Deus. Quem não resiste à carne resiste a Deus. “A guerra do espírito contra a carne e dessa contra o espírito foi uma imagem desesperada da resistência humana contra Deus” (BROWN, 1990, p. 50). A luxúria, portanto, se seguirá ao orgulho, pois o primeiro pecado foi comer do fruto da curiosidade e só depois o de praticar o sexo.

Quem não obedece a Deus não poderá obrigar a sua carne a obedecer-lhe. Tal é a explicação do porque sempre havia acusações de práticas sexuais contra os inimigos da Igreja, em particular contra os

hereges, pois “daqui vem que os Hereges, os Cismáticos, os Apóstatas, na maior parte foram monstros da sensualidade. Porque se estes recusam obedecer a Deus, à Igreja, aos Prelados; como há de ajudá-los Deus a que a sua parte inferior obedeça à parte superior” (BROWN, 1990, p. 68).

Santo Agostinho, diferentemente de seus antecessores Ambrósio, Jerônimo, Gregório de Nissa e Orígenes, defende uma natureza sexual em Adão e Eva. Ao invés de um “remédio misericordioso” dado ao homem junto a punição da morte para impedir o desaparecimento da espécie, o sexo já existiria no Éden. Para os padres da Igreja anteriores a Agostinho, Adão e Eva só tinham um sexo “latente”, não manifesto. Essa natureza ambígua, quase andrógina, de uma indiferenciação sexual angelical e edênica, só rompida pela desobediência humana que após comer do fruto sente a vergonha de estar nu, é contestada por um Agostinho que vê no sexo a “pena recíproca” que condenou o homem a ter em seu corpo a desobediência da carne, marca de sua desobediência para com Deus. Durante os últimos 15 anos de sua vida, Agostinho se dedicará a uma exegese do Gênesis, *Comentários Literais ao Gênesis*, na qual expõe sua doutrina que se tornará a moral mais que milenar do Cristianismo, repetida no século XVII pelos moralistas portugueses.

A retomada da moral agostiniana pelo moralismo moderno se fará com um novo contorno medicalizante. Não apenas o sexo terá sua origem na rebelião adâmica primeva, mas todos os males dos homens nascem nesse gesto original de inconformismo. A origem das doenças também está no ato rebelde de Adão:

Ao pecado do primeiro homem, chama a Igreja peste mortal [...] Para te curar desta tua enfermidade veio do céu à terra o Divino Médico [...] aplicou à tua doença o maior remédio [...] um lavatório, não de água elementar, mas sim do seu próprio Sangue preparado na botica do Calvário [...]. Para te curar das recaídas deixou na Igreja sete remé-

dios receitados que foram os sete Sacramentos (PEREYRA, 1734, p. 430).

E como a luxúria é o pior pecado, ela também será considerada como a mais adversa de todas as doenças. A noção do amor como pecado capital é um dos fundamentos da moral cristã. Além da própria Igreja que continua professando essa crença, a visão do amor como fenômeno doentio permanece presente na medicina até o século XX. O livro *Introduction de la Médecine de l'Esprit*, escrito no final do século XIX, com edições se sucedendo pelo início do século XX, com o beneplácito oficial das academias francesas, trata da medicina das paixões, pois “é errado abandonar inteiramente aos romancistas o belo domínio das doenças da alma”. Estes mantêm-se sempre no terreno do relato “trágico ou cômico, austero ou voluptuoso, poético ou filosófico”, e para nosso doutor trata-se de fazer do estudo do amor “uma ciência mais positiva”.

Numa época contemporânea às pesquisas de Havelock Ellis e de Freud, o dr. Maurice De Fleury propõe uma espécie de “patologia didática do coração como víscera sentimental” que tratará da “intoxicação amorosa” e da “terapêutica do amor”. De forma prática, esta patologia compreenderá “a análise das causas, a patogenia ou interpretação do mecanismo mórbido, os sintomas, o diagnóstico, o prognóstico e o tratamento, porque curar aqueles que sofrem é o objetivo que nós perseguimos.” (DE FLEURY, 1911, p. 341).

A patologização do amor se refinará no século XIX quando uma longa série de doenças será atribuída à “libertinagem”, aos “excessos venéreos”. O médico brasileiro dr. Mello Moraes é um exemplo eloquente da completa invasão do domínio amoroso pela medicina prescritiva, moralista e normatizada. “Há poucos médicos que não tenham tido a ocasião de patentear um amor oculto que roa o coração de um dos seus doentes”, diz o dr. Moraes, e após redimir o “amor feliz”, do matrimônio, que não é

movido pelo desejo carnal, passa a relacionar o conjunto de males provocados pelo sexo. Relata inicialmente esta afecção segundo a descrição de um colega francês:

Sauvage descreveu com o nome de febre ardente dos esfalfados uma doença que sobrevém de repente àqueles que cometem excessos venéreos: a pele fica seca e ardente, o pulso umas vezes cheio, outras pequeno, as urinas vermelhas, há congestão e palidez da face, sede viva, náuseas, vômito, delírio. Esta doença pode causar uma morte rápida.

Em seguida refere-se à tuberculose, apontada por diversos médicos como sendo causada pelo abuso sexual: “[a tísica] é de todas as doenças graves aquela, a que os abusos venéreos provocam mais frequentemente. Portal, Bayle, Luiz, bem claramente o dizem em suas obras sobre a tísica pulmonar”.

Mas não são apenas os pulmões que o excesso genital afeta, o órgão mais nobre do corpo, o cérebro, segundo o aparente consenso médico do século XIX, também não poderia estar isento de seqüelas causadas pela fricção venérea:

Apoplexia, amolecimento cerebral, paralisia dos membros [...] todos os autores, entre outros Tissot, Pinel, Cruveilhier, Londe, Andral, Serres, têm colocado os excessos da extravagância entre as causas dessas afecções [...] Doenças crônicas do cérebro, e sobretudo do cerebelo, têm sido muitas vezes reconhecidas nos libidinosos [...]. As doenças da medula espinhal são tão frequentes nas pessoas devassas, que se lhe deu o nome de consumpção tísica dorsal, *tabes dorsalis*, quando provém de excessos venéreos (MELLO MORAES, 1872, pp. 365-367).

O amor é uma das causas de mortes entre a juventude, ceifada por esse mal implacável.

Uma moça, sem causa conhecida, sem moléstia física, ficou triste e pensativa; seu rosto fez-se pálido, os olhos se encovaram e as lágrimas correram. Ela sofria cansaços espontâneos, gemia e suspirava; nada a distraía, nada a ocupava, tudo lhe aborrecia. Evitava seus pais, suas amigas; emagreceu rapidamente, declarou-se uma pequena

tosse, agravou-se, veio a febre, depois o marasmo, por fim a morte. Ela levou consigo o seu segredo para a sepultura: a pobre moça amava! Quantos acabam assim ceifados na flor da idade, roídos no coração por esse mal devorador (MELLO MORAES, 1872, p. 333).

Além dos males pulmonares e cerebrais, o amor desregrado também produz neuroses, surdez, cegueira, epilepsia, loucura:

A libertinagem produz também as neuroses de todo o gênero: indisposições sempre renascentes, espasmos, tremuras, convulsões, epilepsias, desarranjos de cabeça, histerismo, aberrações do ouvido, da vista, amauroses, paralisias particulares ou gerais, contrações dos membros [...] Considerando-se os efeitos fisiológicos do ato venéreo, vê-se que oferecem uma grande analogia com a epilepsia, a ponto tal que os antigos lhe chamavam epilepsia breve. Há indivíduos que têm uma tão grande suscetibilidade nervosa, que sentem um verdadeiro acesso convulsivo, cada vez que se entregam à voluptuosidade. A epilepsia sobrevém algumas vezes imediatamente depois do excesso que a causa. Esquirol conta a observação que fez em um jovem que, três dias depois do seu casamento, ficou epilético. Porém as mais das vezes o abuso dos prazeres obra com mais lentidão [...] Zimmermann conta que viu um homem de 23 anos que ficou epilético depois de se ter debilitado por frequentes masturbações [...] O enfraquecimento ou a perda dos sentidos, particularmente do ouvido e da vista, tem sido considerado em todos os tempos como conseqüência dos excessos venéreos [...] Os oculistas mais distintos: Sichel, Sanson, Rognatta, notam os abusos da voluptuosidade como causa poderosa de cegueira pela amaurose [...] Os dados estatísticos mostram que sobre cem homens alienados, dez perderam a razão pela libertinagem [...] O grande Boherhaave, fala dessas enfermidades com a força e precisão que caracterizam suas descrições (MELLO MORAES, 1872, pp. 368-369).

A opinião antiga que considerava o esperma como um fluido precioso que não devia ser vertido freqüentemente também considerava, pelas mesmas razões, que a contenção prolongada do esperma também era nefasta. Para Jean Ferrand, por exemplo, tanto a retenção como a excreção frequente da matéria seminal produzem melancolia erótica. Os médicos moralistas que dão forma “medicinal” à dou-

trina cristã, adaptada por sua vez dos estóicos, recusam essa opinião antiga para defender que a continência prolongada é saudável.

Francisco da Fonseca Henriques, médico de D. João V, publicou a *Ancora medicinal*, em 1731, onde esclarecerá que é ruim para a saúde reter todas as excreções corporais, exceto a matéria seminal, que deve ser contida ao máximo. Ele admitia que embora a retenção seminal fosse saudável pois ela enriqueceria o “quilo”, o bolo alimentício do corpo, nutrin-do e dando maior vigor, ela também podia chegar a provocar “histeria”:

O mais frequente é não fazer dano a retenção de matéria seminal, porque ela é uma porção do quilo, que nas pessoas continentas passa a nutrir outras partes [...]. Não negamos, que há queixas hísticas, nascidas da retenção e corruptela da matéria seminal; mas dizemos que sucedem poucas vezes e que comumente faz maior mal a nimia excreção; sendo certo que estes padecem mais que aqueles, porque com as frequentes excreções da matéria seminal se debilitam as entranhas, (tomam-se) exaustos e tísicos dorsais; o que não acontece na retenção (FONSECA HENRIQUES, 1731, p. 504).

No século XIX, o dr. Mello Moraes, tem uma opinião médica que isentava ainda mais a castidade, do ponto de vista fisiológico da retenção seminal, de qualquer efeito pernicioso para a saúde.

“A abstinência absoluta não é de ordinário a causa das doenças” proclama Mello Moraes, contrariando até mesmo Hipócrates e Galeno.

A exaltação da imaginação, a excitação dos sentidos, as emoções violentas tão frequentes no amor desgraçado, abalam muitas vezes o sistema nervoso a ponto de produzir ataques de nervos, histeria, epilepsia, e mesmo a catalepsia. Alguns autores têm atribuído muitas dessas afecções nervosas à continência, à castidade. Platão, Hipócrates, Galeno, Fernel, Hoffmam e muitos outros têm sustentado esta opinião errônea. É necessário combater esta crença que não é fundamentada em coisa alguma séria e que nunca foi submetida às provas de uma verdadeira observação (MELLO MORAES, 1872, p. 333).

A força incontrolável do desejo que para Agostinho era uma rebeldia introduzida na própria natureza da carne será encarada pela medicina como um sintoma de um grave distúrbio, cuja cura ela propõe-se a proporcionar.

A medicina moral comparava-se insistentemente com a divindade cristã, com a monarquia portuguesa e com a sabedoria clássica greco-latina.

Para Brás Luís de Abreu, a medicina, além de divina, era patriótica:

El Rey Nosso Senhor, que Deus o guarde, está atualmente sendo, não só como o romano César, pai da Pátria; mas como ele só, o único e o soberano Médico de todo Portugal. Ele cura radicalmente com os castigos os frenesim, os delírios e os letargos das culpas; ele remedia com a magnificência, as sínopes, os delíquios e os paroxismos da pobreza; ele acode com a justiça aos morbos populares e perniciosas epidemias dos pleitos; ele ultimamente, à maneira de Deus, sara todas as enfermidades e fraquezas do seu povo lusitano (ABREU, BRÁS, 1726, Introdução).

Bernardo Pereyra compara a medicina com a teologia, dizendo que “mal se pode curar o corpo pela medicina, se não concorrer para medicar a alma a teologia, [pois] as leis no direito são remédios para curar a peste dos delitos, na medicina os remédios são leis para atender a saúde dos enfermos” (PEREYRA, 1734, p. 430) e Jesus Cristo é o “médico divino”, assim como para Angelo de Sequeira “Maria

Santíssima é a verdadeira botica preciosa” (SEQUEIRA, 1754, p. 5).

Paschoal Ribeyro Coutinho, em carta escrita ao autor e publicada no prólogo do livro que o médico de Dom João V, Francisco da Fonseca Henriques, publicou em 1715, atualizando o *Methodo de conhecer e curar o Morbo Gallico*, composto pelo doutor Duarte Madeyra Arraes, que fôra o “physico mor” de Dom João IV, já afirmava que: “Deus soberano protótipo de todas as ciências, se como Divino Imaginário levantou de barro a estátua do homem, como Médico soberano a reformou do acidente e fealdade do pecado”, e citando Vieira diz, a respeito da ciência dos médicos que ela deve ser uma súpula de todos os conhecimentos: “do médico diz também o Platão Divino da Prédica (o padre Antonio Vieira) que deve saber todas as ciências. Cada uma das nossas faculdades é uma ciência. A faculdade e ciência do médico é um ajuntamento de todas, e por isso é entre os homens como o querubim entre os anjos” (ARRAES, 1715, Prólogo).

Esse médico divino, monárquico, “querubim entre os anjos”, é a personagem “detentora de todas as ciências”, juiz supremo do organismo, agente das recomendações, prescrições e proscricções para os usos do corpo que se destacou em todo o período moderno e, particularmente no século XVIII, com uma função consagrada, inscrita junto à religião e ao Estado.

Bibliografia

- ABREU, Aleixo de. *Tractado de las siete enfermedades*. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1623.
- ABREU, Brás Luís de. *Portugal Medico ou Monarchia Medico-Lusitana, Historica, Practica, Symbolica, Ethica e Politica*. Coimbra, Joam Antunes, 1726.
- ARRAES, Duarte Madeira. *Methodo de conhecer e curar o Morbo Gallico...* Lisboa, Antonio Pedroso Gabran, 1715.
- AZEVEDO, Luis Antonio. *Manual de Epicteto filósofo. Traduzido do Grego em lingua portuguesa por D. Francisco Antonio*

de Sousa, bispo de Viseu e novamente correcto e ilustrado com Escólios e Anotações Críticas e dirigido ao Illustrissimo e excelentissimo Senhor Duque de Alafões General Junto à real Pessoa de Sua Majestade. Lisboa, Régia Oficina, 1785.

BARROS, João de. *Espelho de Casados* (1540). Porto, Imprensa Portuguesa, 1876.

BERNARDES, Padre Manuel. *Exercícios espirituais, e meditações da via purgativa: sobre a malícia do pecado, vaidade do ho-*

- mem, misérias da vida, e quatro novíssimos do homem; com uma instrução breve do modo prático com que os principiaes podem exercitar a oração mental.* Lisboa, Miguel Deslandes, 1686.
- _____. *Armas da Castidade. Tratado Espiritual em que por modo pratico se ensinão os meios, e diligencias convenientes para adquirir, conservar, e defender esta angelica virtude.* Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, impressos de S. Majestade, 1699.
- _____. *Pão Partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus, breve tratado espiritual, em que se instrui um fiel nos pontos principais da fé e bons costumes.* Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1737.
- _____. *Nova Floresta (Seleção)*, Prefácio de Múcio Leão. São Paulo, W.M.Jackson, 1970.
- BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade. O Homem, a Mulher e a Renúncia Sexual no Início do Cristianismo.* Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- CAMPORESI, Piero. *Les Baumes de l'Amour.* Paris, Hachette, 1990.
- DE FLEURY, Maurice. *Introduction a la Médecine de l'Esprit.* 9. ed. Paris, Librairie Félix Alcan, 1911.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia.* Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio/Edunb, 1993.
- FERRAND, Jean. *Traicté de l'Essence et Guerison de l'amour, ou De la Melancholie Erotique.* Paris, Denys Moreau, 1623.
- FLANDRIN, Jean-Louis. *Le Sexe et L'Occident. Évolution des attitudes et des comportements.* Paris, Seuil, 1981.
- FONSECA HENRIQUES, Francisco da. *Ancora Medicinal.* Lisboa, Miguel Rodrigues, 1731.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.* Rio de Janeiro, Imago, 1973.
- GRANADA, Frei Luís de. *Guia de Peccadores e exhortações à virtude* (1553). Rio de Janeiro, Garnier, 1873.
- MILTON, John. *Paraíso Perdido.* São Paulo, W.M. Jackson Inc., 1949.
- MELLO MORAES, A.J. DE. *Diccionario de Medicina e Therapeutica Homocopathica ou a Homoeopathia posta ao alcance de todos (...) sobre os males que produzem a liberinagem, a prostituição, e o onanismo; sobre a sympathia, o amor e o casamento, e sobre as paixões, em relação á saude e ás enfermidades dos homens, e bem assim um artigo sobre o parto, e modo de effectuar-se.* Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1872.
- MORAES, Pedro José Suppico. *Colleçam moral de apophtegmas memoravcis.* Lisboa, 1732.
- PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio Narrativo do Peregrino da América.* In: *Moralistas do Século XVIII.* Rio de Janeiro, Documentário, 1979.
- PEREIRA, Bernardo. *Anacephalosis Medico-Theologica, Magica, Juridica, Moral e Política.* Coimbra, Francisco de Oliveira, 1734.
- PISO, Guilherme (Willen Pies). *História Natural do Brasil Ilustrada* (1648). São Paulo, Nacional, 1948.
- ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição nas cidades francesas do século XV.* In: *Sexualidade Ocidentais.* São Paulo, Brasiliense, 1986.
- SEQUEIRA, Pd. Angelo. *Botica preciosa e tesouro precioso da Lapa.* Lisboa, Miguel Rodrigues, 1754.